

Sobre amor e gerações

Marion Pereira da Rocha*
marion@enzilab.com.br

Quando eu era criança meu avô paterno morava em uma casa onde na época ainda era periferia da cidade. Era uma chácara. Havia um campo, um lago, poucas vacas leiteiras e galinhas. As galinhas eram criadas soltas. À noite elas iam espontaneamente dormir no galpão de abrigo, exceto as que haviam adotado um lugar como ninho sob os arbustos. Ali elas depositavam seus ovos, que poucas semanas depois dariam vida aos pintinhos. Meu avô me levava a procurar esses ninhos escondidos na vegetação fechada, que protegia aquela mãe avícola e seus ovos nos ninhos. Eu adorava procurar esses ninhos. Ele fingia não saber onde estavam, procurávamos juntos até que eu os encontrasse. E quando eu os encontrava minha alma ia ao céu e voltava.

Outra coisa que meu avô fazia era me ensinar o nome das cascas das lascas de lenha que haviam sido empilhadas para serem queimadas na lareira, que os invernos eram de frio intenso. Hoje sei que aquelas cascas de madeira não tinham nome, ele inventava alguns nomes, me instigava a descobrir outros, e a nomear algumas “novas” que ainda eram “desconhecidas”. E assim eu fui um pequeno-grande “biólogo” que, praticando a observação de cores e texturas, com a imaginação nas nuvens dava nome às madeiras. Talvez ali começava o meu senso de observação perspicaz, no exercício prazeroso da busca, a ponto de desdenhar o sabor do encontro. Sem saber brincávamos de ciência.

Havia muitas árvores no entorno da casa do meu avô. Constantemente folhas caíam e muitas delas sujavam a calçada que rodeava a casa. Algumas vezes em que eu ia visitá-lo ele me pagava para varrer ao redor da casa. Esse “serviço” me valia C\$ 2,00 (dois cruzeiros). Cruzeiro era a moeda da época. Até hoje tenho uma dessas cédulas, elas têm um lado amarelo. Talvez por isso o amarelo é minha cor preferida. Hoje acredito que varrer a

calçada do meu avô despertou meu imaginário para a ambição saudável e a dedicação a um trabalho bem feito.

Eu nasci em 1961. Meu avô, já falecido, nasceu em 1902. Portanto 59 anos separavam nossas idades. Ele não tinha muito estudo, na época não havia muitas oportunidades. Mas isso não o impediu de ser um ser humano adorável, de uma sabedoria silenciosa, que certamente nem ele sabia que tinha. Trago comigo marcas positivas e lembranças que, supostamente, ele não imaginava estar deixando. Os grandes seres humanos são assim: fazem pelos outros sem esperar recompensas; alheios à grande fogueira das vaidades, mantêm acesa a centelha da bondade; impactam pessoas e gerações pelo exemplo; exercitam o saber pela escola dos fatos; independente do que seja, dar o melhor de si é o seu maior legado.

Vejo hoje muita negatividade e descrédito nas gerações atuais. Entendo isso pela histórica e até antropológica desconfiança humana, mas vejo com otimismo uma geração que tem novas ideias, novas regras, novos modos de decidir e resolver, que tem coragem de mudar paradigmas. Nem sempre estão certos, e errar faz parte do processo de aprender. Já era assim, e continuará sendo. Se um jovem hoje me perguntar “tem um aconselho pra mim?”, eu diria: “Não. A vida tem. Então vive com intensidade.” Se ele insistisse: “Tá, entendi, mas me dá um conselhinho aí, vai!”. Eu diria: “Ouve teus pais e teus avós, eles são as pessoas que mais te amam no mundo, talvez as únicas. Ouve, mas você não vai concordar com eles. Só que um dia você vai me agradecer por eu ter te dito para ouvi-los.”

***Marion Pereira da Rocha** é natural de Júlio de Castilhos mas já há muitos anos reside em Santa Cruz do Sul onde atua como bióquímico. É proprietário dos laboratórios Enzilab (cuja matriz é em Cachoeira do Sul), escritor e artista plástico. Esta não é a primeira vez que um texto seu sai no jornal **sarau**.



Vidas perfeitas

André Cauduro D'Angelo*
andre@andredangelo.com.br

pequena vila de subúrbio. Cultiva uma perceptível ética de trabalho – cumpre horários, é metódico e respeitoso com colegas e usuários – e um gosto genuíno pelos seus costumes: almoçar sentado num banco de praça admirando as árvores, ler livros comprados num sebo, dormir sobre um tatame. Desafia a ideia de que felicidade é um lugar que se visita, e não no qual se reside.

O oposto de Warren Buffett? Em termos. A despeito da riqueza amealhada, o empresário norte-americano é conhecido pelos hábitos frugais. Talvez o tal “crescimento” a que faça referência seja a vaidade de influenciar o mercado de capitais global, ter interlocução com líderes nacionais, ser reverenciado por seus pares, aparecer na mídia ou figurar no topo da lista dos filantropos mais cobiçados. Do restante que se conhece sobre sua rotina – ler, jogar cartas, comer McDonald's e tomar Coca-Cola –, só a prática do golfe estaria fora do alcance do personagem japonês. No mais, estariam igualados em possibilidades. “A vida é mais deliciosa no

que tem de mais íntima”, já dizia Henry David Thoreau (1817-1862).

O cinema é a arte mais afeita a representar esses biográficos em suas produções, sempre complexas, caras e demoradas. Contrariando essa tendência, Wim Wenders retratou um eu material – ou, em outras palavras, uma vida que talvez não valesse um filme, mas que certamente vale uma vida.

***André Cauduro D'Angelo** reside em Porto Alegre onde atua como professor da PUC/RS. Formado em Administração pela UFRGS, além de escritor é também consultor e palestrante. Esta não é a sua primeira vez no jornal **sarau**.

anúncio
13x8

anúncio
13x8